

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

ESCOLA DE ENFERMAGEM

**NUPEQS - Núcleo de Pesquisas e Estudos
sobre Quotidiano em Saúde**

Sub Grupo História Oral

*A História da Escola de Enfermagem Carlos Cha-
gas*

ÍRIS SOARES OLIVEIRA

Belo Horizonte

Minas Gerais

Traços Biográficos

ÍRIS SOARES OLIVEIRA

Íris Soares de Oliveira nasceu em Santana dos Ferros - MG - a 24 de agosto de 1924. Coursou o primário - único curso da localidade. Ficou órfã de pai aos 6 anos.

Desde criança até os 17 anos dedicou-se aos trabalhos na fazenda onde morava com a mãe e irmãos. Junto deles ela fazia “serviço de homem”, “mexia com criação de gado, era tirando leite, buscando vaca, levando bezerro para o pasto, tratando de porco(...)”. Além do serviço pesado, diz que sua mãe e seus irmãos eram muito rigorosos, não permitindo a ela saídas para passeios e nem namoro. Segundo Íris era um quartel general ao qual tinha que se submeter e tolerar. Com isso ficou “atacada do estado nervoso”.

Aos 22 anos era considerada uma doida, pela família, e em um de seus “ataques dos nervos” ingeriu soda cáustica. Iniciou tratamento para estreitamento de esôfago no próprio município e, posteriormente, foi encaminhada para Belo Horizonte. Permaneceu internada o Hospital São Vicente de Paulo, atual Hospital das Clínicas da UFMG durante um ano e seis meses. Nesse período, final da década de 40, fez muitas amizades no hospital. Teve alta hospitalar e precisava continuar o tratamento. Então, ela foi convidada por uma freira do hospital para morar e trabalhar na EECC como copeira. Morou no internato até casar-se com o motorista da Escola. Com a mudança da Escola para a atual sede na Alfredo Balena, e com o término do internato, Íris passou a trabalhar na portaria, até aposentar-se em junho de 1983. Atualmente cuida de netos e de familiares.

SUMÁRIO

FITA 1 LADO A

Dados pessoais; sua infância; a rigidez de seus pais; a mudança para Sete Cachoeiros; o início de sua “loucura”; a ingestão de soda cáustica; o tratamento e vinda para Belo Horizonte; o longo tratamento; a tentativa de transferência para São Paulo; o emprego como copeira na Escola de Enfermagem Carlos Chagas na época da irmã Villac; outros funcionários da EECC; o dia-a-dia no internato; o namoro e casamento com o motorista da Coramina; a casa da rua Estevão Pinto; o sino para acordar as alunas; o quarto coruja; as normas rígidas do internato; as transgressões; as mudanças de endereço da Escola; a vida religiosa na Escola; a dificuldade do tratamento e a relação com o médico; a morte de seu irmão.

FITA 1 LADO B

O encontro com o padre de sua terra, o conhecimento da morte de seu irmão; o período que alimentou-se por sonda em sua terra natal; como era o tratamento de estenose de esôfago; seu casamento na Escola; o porão onde dormiam ao empregados na casa da Serra; o quintal da casa; o uso da piscina; as mudanças do Internato; seu relacionamento com as pessoas no Internato; do serviço prestado ao Hospital das Clínicas; os problemas enfrentados pelas alunas no Hospital das Clínicas; a convivência com as freiras; a organização e funcionamento do Internato; a expulsão de uma aluna; a não aceitação de alunas negras na EECC; a dificuldade para entrar aluno; o aluno que impetrou mandato de segurança para garantir sua vaga; a prestação de serviço à comunidade; o período de greve; o fechamento do internato e destino dos seus pertences.

FITA 2 LADO A

Relacionamento com os funcionários; o controle financeiro da Faculdade de Medicina; sua vida de casada; a criação dos filhos; a saída das freiras da EECC e do HC; o aumento do número de alunos na EECC; seu trabalho na portaria; o relacionamento com as alunas; o significado da enfermagem na época; a influência da EECC no HC; sua visão sobre a enfermagem; o período que usou sonda; sua relação com as filhas hoje; o que tem feito atualmente; como se sente com a aposentadoria; a doença e morte de seu marido.

FITA 1 LADO A

Geralda: Vamos iniciar nossa conversa aqui. Como que é seu nome completo?

Íris: Íris Soares de Oliveira.

G.: Ô Íris.

I.: Agora, depois de casada. É depois de casada, porque antes era Íris Soares de Almeida.

G.: Você nasceu é, quando que você nasceu e onde que você nasceu?

I.: Nasci em Sete Cachoeiros, no município de Santana de Ferros, e foi no dia 24 de agosto de 1924.

G.: Seu estado civil.

I.: Hoje?

G.: Hoje.

I.: Viúva.

G.: Viúva. E nesse casamento seu você teve quantos filhos?

I.: Tive oito gravidezes e cinco filhos sobrevividos do tempo.

G.: Muito bem. Agora assim, vamos deixar o casamento um pouco de lado e vamos voltar lá na sua infância, né, como é que foi sua infância com seus pais, com seus irmãos, onde vocês moravam, como é que era a vida na comunidade que vocês moravam?

I.: Bom a gente morava numa fazenda; meus pais eram rígidos demais, não deixava ninguém [risos] sair nem pra estudar fora, sabe, e no lugar que eu morava só havia o quarto ano de grupo, então formou no quarto ano não tinha mais estudo porque não podia sair de casa. E aí meu pai faleceu, eu tinha seis anos, minha mãe ficou viúva com oito filhos, o mais velho tinha dezenove anos, eu fiquei com seis anos e ainda com mais dois irmãos abaixo de mim e fomos crescendo nessa fazenda, sabe. Aí chegou um ponto que a minha mãe não deu mais conta de controlar os negócios da fazenda, porque mediante os filhos ia crescendo e ficando habilitado, cada um queria fazer o que dava na cabeça. Então, cada um queria usar a sua parte e tudo e ela mexia com criação de gado e a gente trabalhava naquilo, sabe. Eu ajudava minha mãe naquilo, era tirando leite, buscando vaca, [risos] levando bezerro pro pasto, tratando de porco, cortando banana, pra cozinhar pra dá pro porco. Era isso o tempo da minha infância até os 17 anos mais ou menos, eu fiz isso.

G.: Então, na sua infância adolescência foi ali na fazenda.

I.: Foi, foi trabalhando no serviço de homem, porque cozinha e serviço de casa eu nunca fiz no tempo da minha mãe, porque precisava de mim naquele serviço, então eu também,

passsei a nem querer gostar daquilo porque eu nunca experimentei, só fui começar a mexer com serviço de casa depois que casei né, e aqui na Escola de Enfermagem porque eu servia mesa, às vezes e tudo então nesse pedaço só.

G.: Ainda, ainda voltando lá, nessa época que você falou que até 17 anos estava nesse período, que você estudava até o quarto ano primário. Depois disso?

I.: Depois disso, os negócios da minha mãe foram atrapalhando, ela teve que vender a fazenda, sabe. Então, vendemos a fazenda e mudamos pro comércio, que é Sete Cachoeiros aonde foi que eu nasci, sabe. E ali eu fiquei bastante tempo, até...

G.: Chegou a estudar mais algu....

I.: Não, não estudava, lá não tinha estudo e eles não deixavam sair pra fora pra estudar não, sabe. Então, fiquei, arranjava uns namorados, era muita briga [risos].

Valda: Com quem, Íris?

I.: Com os irmãos e com minha mãe que era muito severa, demais da conta, e os irmãos vigiavam, era só eu de irmã solteira, que nós éramos duas, uma casou aos 17 anos e eu fiquei, era mais nova do que ela 7 anos, fiquei lá. E com aquela proibição de tudo, então a gente já não tinha nem graça não, sabe, porque não podia fazer nada, não podia passear, não podia fazer nada, não podia dançar, que eu gostava muito.

G.: O que, que podia fazer naquela época?

I.: Era, acho que era só trabalhar.

G.: Trabalhar. E a vida religiosa da família, como é que era?

I.: A vida religiosa era uma missa, aos domingos, e assim mesmo tinha que ser escoltada, né.

V.: Não podia ir sozinha.

I.: Não, não podia não era demais.

V.: No tempo da fazenda também era rigoroso assim?

I.: No tempo da fazenda?

V.: É.

I.: Eu era muito pequena ainda, né, eu fiquei quando meu pai morreu, fiquei com seis anos quando nós saímos dali, acho que nós não ficamos pelejando com essa fazenda, uns, eu saí de lá com 17 anos.

V.: Nessa época você ainda não tinha vontade de namorar?

I.: Namorava, mas sempre com briga.

V.: Sempre com briga.

I.: Era briga, xingo, não deixava sair, era só olhar de longe mesmo.

G.: Isso era um costume da sua família ou da comunidade, das outras famílias também, essa rigidez da criação?

I.: Isso era o costume da minha família, porque lá fora, a coisa ainda era muito mais agüentável, né? Porque não era tão desse jeito. A minha mãe era desse jeito, a gente saía com ela, chegava num lugar, ela sentava junto com as, com as donas da idade dela pra conversa, e eu tinha que sentar do lado. Às vezes muita das vezes o menino brincando lá na rua, as meninas buscando de roda, não podia ir porque ela não deixava, era ali que eu tinha que ficar. Então, era uma espécie de um quartel general que a gente tinha que submeter [risos] e agüentar. Aí foi passando o tempo, me deu um estado de nervo que eu não tolerava mais aquela vida não, sabe, porque não é quer dizer que você quer fazer tudo quanto há, mas queria fazer ao menos o que a metade do que o povo fazia, né. Porque é interessante pra gente. Então, foi passando o tempo e eu fiquei muito atacada do estado nervoso, tinha aqueles acessos de, de, de repuxar de, de perder o sentido, sabe, então passou. Teve uma época que eu fiquei muito atacada, aí quando eu voltei que eu melhorei um pouco, eu não estava nem agüentando andar direito, sabe, aí ela saiu lá eu não sei pra que, não me deixava sozinha não, oh, pra falar a verdade eles me achavam que eu era doida, sabe, e eu não achava que eu era doida não. Então eu pensei, esse povo acha que é, eu sei que por fim, eles falavam tanto que eu era doida sem eu fazer nada, que acho, acho que eu sou doida mesmo, pus na cabeça que eu era doida. Aí foi passando, num dia minha mãe saiu, e eu já estava assim, já muito atacada do, dos nervos, eu acompanhei ela até na porta e as pernas estavam tudo bamba, sabe, eu voltei pra dentro, entrei [pausa. Emocionada,]. Que nada, eu voltei para dentro, e lá ia pro meu quarto, deitar estou muito bamba, sem força, vou deitar, e lá ia entrando pro quarto, quando eu viro assim, olho na copa na, na mesa muito grande lá na sala de jantar uma lata de soda de soda cáustica [risos]. Aí eu fui, ah, vou beber um bocado disso. Voltei, joguei uma colherada de soda lá dentro misturei com água e mexi com a colher e bati na boca, quando eu bati aquilo na boca, a soda não desce não, ela não corre não, sabe? Então aquele primeiro gole que eu tomei ela desceu até aonde ela correu, ali ela parou e ali foi fechando meu esôfago sabe? Eu passei não poder comer, e fiquei lá uns 3 meses porque tinha apenas um, um farmacêutico lá no lugarejo, ele falou assim, não ela não pode sair, eles queriam me trazer pra aqui, pra tratamento, sabe? Aí o farmacêutico falou que não podia, naquela época tinha que esperar cicatrizar primeiro, pra poder trazer pra fazer o tratamento e nisso foi passando

I.: Era briga, xingo, não deixava sair, era só olhar de longe mesmo.

G.: Isso era um costume da sua família ou da comunidade, das outras famílias também, essa rigidez da criação?

I.: Isso era o costume da minha família, porque lá fora, a coisa ainda era muito mais agüentável, né? Porque não era tão desse jeito. A minha mãe era desse jeito, a gente saía com ela, chegava num lugar, ela sentava junto com as, com as donas da idade dela pra conversa, e eu tinha que sentar do lado. Às vezes muita das vezes o menino brincando lá na rua, as meninas buscando de roda, não podia ir porque ela não deixava, era ali que eu tinha que ficar. Então, era uma espécie de um quartel general que a gente tinha que submeter [risos] e agüentar. Aí foi passando o tempo, me deu um estado de nervo que eu não tolerava mais aquela vida não, sabe, porque não é quer dizer que você quer fazer tudo quanto há, mas queria fazer ao menos o que a metade do que o povo fazia, né. Porque é interessante pra gente. Então, foi passando o tempo e eu fiquei muito atacada do estado nervoso, tinha aqueles acessos de, de, de repuxar de, de perder o sentido, sabe, então passou. Teve uma época que eu fiquei muito atacada, aí quando eu voltei que eu melhorei um pouco, eu não estava nem agüentando andar direito, sabe, aí ela saiu lá eu não sei pra que, não me deixava sozinha não, oh, pra falar a verdade eles me achavam que eu era doida, sabe, e eu não achava que eu era doida não. Então eu pensei, esse povo acha que é, eu sei que por fim, eles falavam tanto que eu era doida sem eu fazer nada, que acho, acho que eu sou doida mesmo, pus na cabeça que eu era doida. Aí foi passando, num dia minha mãe saiu, e eu já estava assim, já muito atacada do, dos nervos, eu acompanhei ela até na porta e as pernas estavam tudo bamba, sabe, eu voltei pra dentro, entrei [pausa. Emocionada,]. Que nada, eu voltei para dentro, e lá ia pro meu quarto, deitar estou muito bamba, sem força, vou deitar, e lá ia entrando pro quarto, quando eu viro assim, olho na copa na, na mesa muito grande lá na sala de jantar uma lata de soda de soda cáustica [risos]. Aí eu fui, ah, vou beber um bocado disso. Voltei, joguei uma colherada de soda lá dentro misturei com água e mexi com a colher e bati na boca, quando eu bati aquilo na boca, a soda não desce não, ela não corre não, sabe? Então aquele primeiro gole que eu tomei ela desceu até aonde ela correu, ali ela parou e ali foi fechando meu esôfago sabe? Eu passei não poder comer, e fiquei lá uns 3 meses porque tinha apenas um, um farmacêutico lá no lugarejo, ele falou assim, não ela não pode sair, eles queriam me trazer pra aqui, pra tratamento, sabe? Aí o farmacêutico falou que não podia, naquela época tinha que esperar cicatrizar primeiro, pra poder trazer pra fazer o tratamento e nisso foi passando

os 3 meses foi fechou o esôfago aí eu não comia mais nada. Quando eles viram que eu morria mesmo, eles pegaram me trouxeram até Ferros, - porque não tinha estrada de automóvel que chegasse até esse lugarejo - então veio assim na cacunda de homem, sabe, numa cama, com uns 30 homens carregando, sabe? Aí chegou até Ferros, eu peguei uma jardineira que vinha pra cá e veio dois irmãos meus comigo, sabe. Aí chegou aí eles me entreg... me internaram no Hospital São Vicente de Paulo. Lá eu fiquei 1 ano e 6 meses, e eles não conseguiam tratamento direito, tinha tentativa no Hospital São Geraldo, vocês devem de ter conhecido lá o tratamento né, esôfago e tudo, mas não conseguiu não, e o médico que tratava de mim era o doutor Alício de Abreu não sei se vocês conheceram, ele que me operou, logo que eu cheguei aqui ele me operou colocou uma sonda e eu fiquei um ano e seis meses alimentando pela sonda, sabe. E aí eu já estava desanimada porque não ia dá conta do tratamento, queria me mandar pra São Paulo, eles pediram pra minha mãe, ela falou que podia ir, porque o que val, que valia eu voltar pra lá doente, né? Então, quando estava naquela mexida de me mandar pra São Paulo, o médico até que fazia as tentativas lá, falou ainda que me acompanhava e tudo e ia pra assistir minha operação, então a gente estava indo, já estava indo quando o doutor Alício arrumou um médico que trabalhava aqui no Pronto Socorro, na Previdência pra ver o meu tratamento, a respeito do meu tratamento fazer umas tentativas, porque eles trabalhavam só nessa a, nessa área, né. Então, eles mesmos me levaram lá por Pronto Socorro, conversou com o médico, doutor Sílvio Guimarães não sei se vocês conhecem ele, acho que não. E ele começou o tratamento, no mesmo dia ele conseguiu, sabe, me levar lá pro Hospital da Previdência e lá eles conseguiram fazer outros exames radioscopia, que era da época, conseguiram o tratamento. Eu comecei a tratar, e comecei, voltei a alimentar pela boca e tirou o curativo voltou a....

G.: Fechou o lugar da sonda.

I.: É. Eu comecei alimentar pela boca. Mas nesse período eu tratei sete anos seguido, até dia de domingo o residente mandava que a gente fosse, sabe, “você não vai faltar, eu estou aqui vocês vêm”. Aí tinha que ir, era semana, semana e semana.

G.: Que idade que era essa? Qual o período da sua idade?

I.: Ah, eu já estava com 22, 23 anos.

V.: Quando aconteceu? Quando aconteceu, quantos anos você tinha na época?

I.: Acho que era uns 22 anos, sabe.

V.: Aí você ficou sete anos em tratamento?

I.: É sete anos em tratamento.

G.: Até vinte e nove anos, mais ou menos?

I.: É, e fiquei tratando e não ganhei alta também não, né, mas com 1 ano e seis meses que eu estava no hospital, a irmã que era assim da enfermagem, que ficava ela foi removida pra Escola de Enfermagem, pra ser, não sei se era, era diretora lá, porque a irmã Villac saiu e colocou ela no lugar, sabe, a irmã Maria Luiza, é. Então, ela falou assim, “oh Íris eu lá vou pra Escola de Enfermagem, seus irmãos me pediram pra eu te olhar aqui que são do interior e tudo, agora eu lá vou prá lá você quer ir comigo, pra você trabalhar lá, tem vaga, se você quiser ir, eu te levo pra lá”. Fui pensei assim...

G.: Qual irmã que foi pra lá?

I.: Irmã Maria Luíza Meira.

G.: Então, Maria Luiza que trabalhava na enfermagem, onde que era a Escola de Enfermagem nessa época?

I.: Era na, lá na, na Serra, na rua, Esteve na rua Estevão...

G.: Do Chumbo.

I.: Rua do Chumbo, 601.

G.: Atual Estevão Pinto

I.: É. Escola de Enfermagem Carlos Chagas. Então, eu peguei fui pra lá com ela sem alta de médico nem nada.

G.: Sem alta, saiu do Hospital e foi direto pra lá?

I.: Eu tinha tratamento ainda do Pronto Socorro e morava praticamente no hospital, né, médico só dava falta de mim, é de 3 em 3 dias, de semana em semana. Aí, quando foi no fim de semana eles deram falta de mim, perguntaram, uai Mônica, “quede” a Íris [risos]? A Íris foi pra Escola de Enfermagem está trabalhando com a Irmã Maria Luiza, uai sem alta sem nada, nós não demos alta pra ela, aí ela falou, que eu estava na Escola de Enfermagem, sabe.

G.: Que ano que era isso em Íris? Só pra gente ter uma idéia mais ou menos de que ano que foi isso.

I.: Deixa eu te falar, era, foi em um ano e meio, porque quando eu consegui o tratamento eu ainda estava no hospital, sabe, e fiquei tratando ia no Pronto Socorro e voltava, ficava no hospital internada.

G.: A Irmã Villac nessa época estava onde?

I.: Foi depois que a Irmã Villac apareceu.

V.: Foi antes da Irmã Villac vir então?

I.: Foi, eu cheguei antes da Irmã Villac, a Irmã Villac chegou depois de mim.

V.: Pois é, quando você foi morar na Escola de Enfermagem a Irmã Villac não tinha chegado aqui na Escola ainda.

I.: A Irmã Villac estava dirigindo a Escola, sabe...

V.: Em cinqüenta e pouco.

I.: É, ela dirigia a escola, eu sei que depois ela me mandou para a Irmã Maria Luiza ir pra lá. Então ela foi e me chamou, eu fui também.

G.: Quando você chegou na escola você já começou a trabalhar com emprego assim com...

I.: Foi.

G.: É, já o vínculo já de empregatício.

I.: É, era do Estado, a escola era do Estado, e mais fazia...

G.: Você foi fichada?

I.: Fui fichada, mas assim, foi um contato porque eles faziam pagamento com outr.... com o lugar de outros que trabalhou e eles seguravam, era muito assim coisa errada que tinha sabe. Então a, a, essa Tita até que trabalhava mas ela resolveu sair e eles não deram baixa no lugar dela não, então eu entrei no lugar dela e fiquei recebendo pelo contra cheque dela, sabe. E toda vez que vinha pagamento tinha que levar o contra - cheque pra ela assinar e tudo pra eu poder receber, depois então eles, ach... arrumou tudo direitinho, né, a gente foi contratada pelo Estado e ficamos na Escola até que passou pra Federal, né.

G.: Voltando nessa época lá, quando você começou a trabalhar que a Irmã Luíza levou você, que tipo de serviço que er... que você fazia?

I.: Fazia, eu trabalhava muito na copa, servia a mesa e tirava a mesa.

G.: E quem que fazia a comida?

I.: Comida era Galvina [Pereira], a Galvina era a cozinheira, Leontina [Costa] era a auxiliar de cozinha, agora eu, Honória, Araci [Machado Chaves] essas aí serviam mesa e limpava, né limpava o refeitório e arrumava a casa também, nós três.

G.: Antes da gente falar sobre essa, o dia a dia lá nesse internato, sobre a Escola de Enfermagem, fala pra gente, se você, quando você chegou lá você teve assim alguma coisa que te chamou atenção de imediato.(...) Algum caso interessante na sua chegada lá, como que foi a recepção pelas pessoas?

I.: A recepção foi ótima, eu tinha muito boa vivência assim entre as alunas, sabe, elas gostavam demais de mim e [risos] tinha muitos segredinhos, e a gente saía, sabe, mas lá era muito rigoroso também.

G.: Então, fala pra gente como é que era a vida no internato?

I.: Dez horas, dez horas tinha todo mundo que está ali dentro, sabe, muitos gostavam de namorar ali no jardim da Escola, outras saíam um pouquinho, né, mas dez horas tinha que está ali dentro. A mulher ficava lá, dona Georgina era ecônoma da Escola e ficava brava lá da janela, o quarto dava assim pro portão da Escola, né, que saía pra rua e ela vigiava todo mundo, a hora que saía e a hora que chegava, sabe.

V.: Você lembra de alguma ex - aluna, do nome dessas ex - alunas na época?

I.: Essas, que eu, das últimas, coisas, foi porque depois...

V.: De quando você chegou lá?

I.: E quando eu cheguei, tinha a Terezinha Dias, vocês conhecem, não.

V.: Não.

I.: Casou com o doutor Manuel, que formou no hospital, era o São Vicente na época, né, Terezinha Dias, tinha a Marieta, tinha uma, uma assim clara, muito clara que veio de Caxambu, esqueci o nome dela, sabe, e tinha muita moça na Escola, sabe, mas a gente tinha uma turminha que a gente era mais chegada [risos].

V.: Ham, ham.

I.: Então.

V.: Você falou de uns segredinhos aí das alunas, agora já dá pra revelar esses segredinhos? [Riso].

I.: Segredinhos, era Terezinha Dias que namorava doutor Manuel de Brito, e nisso também quando eu cheguei na Escola, passou um ano, e começou a trabalhar lá o motorista da Escola, sabe, que foi contratado pra Escola também. Eu cheguei num ano, ele chegou no outro. Aí nós começamos a gostar também, e elas adoravam sair junto com ele [risos] mas não tinha briga por isso não. Então a dona Georgina é que ficava insuflando, sabe, “Você é muito boba, que essas meninas não desgruda do senhor José.” Eu falei assim: Ah bobagem, que que tem isso tem problema não”. Quando é a noite ele está todo aí pra mim [risos]. Aí era aquelas brincadeiras, Terezinha namorava um médico também que era muito, era estudante ainda, muito amigo deles, então, nós éramos a unha com a carne [risos].

V.: Saíam juntos?

I.: É, nisso ela casou, depois passou um tempo também eu casei, mas já estava morando aqui, na Alameda Ezequiel Dias.

G.: Como é que você conheceu esse, esse seu namorado, seu marido?

I.: Foi na Escola.

V.: É o José?

I.: José Beraldo [Oliveira].

V.: É o próprio [risos].

I.: É o próprio.

V.: O motorista.

G.: Ele trabalhava como motorista?

I.: Ele entrou pra trabalhar como motorista, dirigia a Coramina, né.

G.: Isso que nós queríamos saber.

I.: O carro que chamava Coramina. Então ele dirigia, levava as meninas, trazia aqui pro, pro serviço, né, pro estágio, trazia pra aula, levava do hospital pra casa também. Sei que à noite terminava, né, seis horas da noite chegava lá todo mundo pra jantar e ele vinha. Depois a Escola mudou.

V.: Só um pouquinho, na, a, o carro servia pra mais alguma, além de só transportar alunas e os namoricos?

I.: E os namoricos?

V.: É [risos]

I.: Ah servia assim pra carregar as coisas também que as coisas que iam lá pro internato, saía daqui do Hospital das Clínicas, sabe, da cozinha do Hospital das Clínicas. Não, não era bem assim não, porque lá elas viam mas “seu” Geraldo comprava e às vezes a Coramina buscava, né, quando ele não podia carregar coitado, porque trabalhou muito naquela Escola. A Coramina é que carregava as coisas pra lá. Depois quando passou pra Federal é que as coisas ia aqui pra escola de, aqui da cozinha do Hospital das Clínicas e, pra fazer lá pra Escola, né, as comidas ia tudo daí, e também a Coramina levava, né.

V.: E a...

I.: Mas era pra esses casos mesmo.

V.: E pra transportar a diretora, tinha outro carro?

I.: Dire... não.

V.: Ou era a Coramina também?

I.: Era a Coramina mesmo. Mas que ela saía às vezes saía, saía com as alunas pra viajar longe, né, fazer alguma excursão, mesmo que saía pra mostrar alguma coisa, né, do estudo de enfermagem, ele levava sabe. Ele viajava muito com elas com Irmã Villac e com as meninas, sabe.

G.: Ô Íris como era a casa lá no internato como que era os cômodos, a sala, a disposição na hora do, do, das refeições, como é que era isso lá?

I.: Olha, lá na parte de baixo tinha dois andares, né, tinha o andar de baixo e um andar em cima que era o internato onde as meninas dormiam. E no andar de baixo tinha quarto pra econômica, tinha a cozinha, o refeitório, tinha um sino [risos] que ela acordava todo mundo com esse sino, uma zoeira que ela aprontava de manhã só vendo, pra chamar as meninas pra levantar e tomar o café pra sair, né.

G.: Como que eram as refeições, tinha horário, que parte de cima da casa, antes de falar da refeição como é a parte de cima da casa, como é que era?

I.: Era só os quartos, né, das alunas em cima era só quarto, e embaixo tinha um refeitório, a cozinha, uns quatro quartos.

G.: O tamanho dos quartos?

I.: ...uma sala de visita.

G.: O tamanho dos quartos, a disposição deles, tinha algum quarto especial para alunas que davam plantão à noite e tinham que dormir de dia, existia alguma, quarto pra isso?

I.: Não, essas que davam plantão à noite dormia de dia porque as outras estavam sempre pro estágio, né, num tinha problema não elas tinha muito tempo pra todas.

V.: E o quarto coruja, não tinha um quarto chamado coruja?

I.: Tinha, mas esse quarto não era utilizado não, era muito poucas alunas que subiam pra lá pra dormir.

V.: Sei.

I.: Lá era um quartinho como é que é, por cima do 2º andar. E acho que lá pro lado das caixas d'água uns trem assim, sabe.

V.: As alunas usavam pouco, e, e, os...

I.: Pouco, mais dormia nos seus próprios quartos.

V.: Só mesmo, né?

I.: É.

V.: Esse quartinho não tinha outra função que você soubesse?

I.: Não, era só chamado quarto escuro da coruja, e ninguém, não era muito freqüentado não.

G.: Durante as refeições, qual que era o horário das refeições, as alunas, é quem sentava a mesa junto as diretoras, a diretora sentava junto, os funcionários, como é que era isso, nesse relacionamento na hora da refeições.

I.: Da refeição? Oh, a diretora almoçava lá, né, mas a diretora não tinha muito hora não, sabe, chegava o horário do almoço as alunas almoçavam, se ela chegasse já almoçava mais tarde, sabe, e funcionário tinha a mesa deles lá também pra dentro da cozinha assim, uma área grande, também eles almoçavam lá.

V.: Tinha uns caseiros na sua época um casal de alemão, que moravam lá, não?

I.: Não.

V.: Deve ter sido antes então.

I.: Como que chamavam?

V.: Não sei, alguém colocou que era um casal de alemães que contavam muito à noite faziam umas, umas brincadeiras.

I.: Não, isso eu já não peguei lá não.

G.: Se você já falou Irís que as normas do internato eram muito rígidas, horário, você lembra assim de alguma, algum caso de punição pras alunas, porque não cumpriram as normas.

I.: Não, punição, punição não, não lembro não, mas tinha alunas que saíam fora da norma e entravam pelos fundos e conseguiam penetrar, não sei se combinado com algum funcionário, sabe.

I.: Mas, coisa assim demais, demais num lá em cima não apareceu não.

V.: E cá embaixo?

I.: Cá embaixo quando estava aqui no hospital aonde é o Semper, que a Escola esteve ali, quando mudou de lá, eu não sei se ela já veio pra aqui direto, acho que foi e daqui é que foi pra Get, pra Avenida Getúlio Vargas, sabe, depois foi a turma pra lá só pro internato pra dormir e a cozinha ficou sendo no Hospital da Clínicas, a refeição era lá, elas iam pra lá só pra dormir.

V.: E, e o que, que aconteceu aqui embaixo?

I.: Aqui na, na...

V.: Cruz Vermelha.

I.: Na Alameda?

V.: É.

I.: Aí, teve uns acontecimentos, umas meninas que pulavam os muros [risos] e saíam que uma menina que ficou grávida, sabe, mas eu já esqueci o nome dessa menina.

V.: E o que, que aconteceu com ela?

I.: Eles mandaram ela embora.

V.: Mandaram ela embora.

I.: Teve a punição e ela foi embora, acho que ela não continuou o curso não.

G.: E a vida religiosa no internato lá em cima ainda na rua do Chumbo, como é que era tinha capela, tinha um capelão, como é que era a vida religiosa?

I.: Lá tinha uma capela, sabe, mas o capelão ia lá de vez em quando. E a vida religiosa cada um levava do jeito que queria né, se gostava de ir à missa ia, se não gostava não era obrigada a ir não.

G.: Nesse período ô Iris como é que estava a relação sua com sua família, né, você ficou aqui em Belo Horizonte, como é que ficou sua relação com sua família, se você passa, se tinha férias, se você retornou na sua cidade natal, como é que foi?

I.: Retornei, quando o médico deu permissão deu ir, porque não deixava eu ir não, falou assim: “eu não vou dar férias porque não vai poder”, então aconteceu que eu perdi um irmão lá na nessa época quando eu tinha vindo pra cá pra tratar, só que daí um ano eu perdi um irmão e eles não me falaram não, sabe, então eu, em, quando fez um ano que eu estava trabalhando eu tinha direito a férias, né, a Irmã Maria Luíza ainda estava lá no internato, então ela me falou assim, “Oh, eu lá vou pro hospital, lá vou pro Colégio do Caraça, se você quiser ir comigo pra lá, eu vou conversar com o médico pra ver se ele libera pra você ir”. Eu falei assim: “Ah mas eu queria ir pra minha casa, pra mim ver minha mãe, meus irmãos.” Ela falou, mas não vai deixar ele já falou que não vai deixar. Então aí com o negócio que eu fui e conversei com ele, não deixou mesmo, falou assim : “Não, não vai não, porque chega lá você, você passa as férias você não volta, quando voltar vai me dar um trabalho maior do que já me deu”, que eu dava trabalho demais, né, por causa do tratamento que era ruim demais nossa, quase que morri, então ele foi deixou falou assim: “Não, se você quiser ir com a Irmã pro Colégio do Caraça você pode ir ficar uns 15 dias, porque depois, 15 dias não vai fazer tanta diferença assim, mas lá para sua casa não vai não porque eu já conheço esses casos.” Ele tratava de muitas, né, e a metade ia e não voltava quando voltava, voltava do jeito que começou, sabe, então ele não liberava ninguém pra sair não. E nisso morreu um dos meus irmãos eu não fiquei sabendo e eles escreveram pra Irmã no hospital dando notícia, mas pedindo pra não me contar, aí eu ficava sonhando, eu sonhava com esse irmão e falava com a enfermeira dormia no coisa, nesse tempo ela dormia na enfermaria e a gente, e eu sonhava muito chamando o irmão e falando até a hora eu falava que ele tinha morrido...

[FINAL DA FITA 1 LADO A]

FITA 1 LADO B

Quem falou [inaudível].

G.: Aí, sua mãe...

I.: Então quando passou, que eu entrei de férias eu fui mesmo, não pude ir pra casa, fui com ela pro Colégio do Caraça, chegando lá passados uns 3 dias apareceu um padre que foi vigário lá na minha terra, sabe, ele chegou, quando deparou comigo [risos] ele virou e falou assim: “Menina o que que você está fazendo aqui?” Eu fui e falei assim, eu era muito mal criada [risos] virei falei assim: “Estou fazendo a mesma coisa que o senhor está fazendo. [risos]. Passeando, o senhor não está passeando? Eu também estou”. Aí ele falou assim: “Você não tem jeito não hein, você não melhorou nada.” Porque nessa época que eu morava lá, eu era filha de Maria, então eles começaram a implicar muito eu arranjei uma “daneira” e saí da irmandade escrevi uma carta pra ele também, ele foi escreveu uma carta pra mim muito bonita me pediu, falou assim, já que você não quer ser filha de Maria, então, você volta, vem ao menos pra freqüentar a missa e tudo, né, a igreja, não some da igreja não, mas eu sumi e fui encontrar com ele no Colégio do Caraça um ano, um ano depois. Aí ele peijou, começou conversar comigo e na conversa ele pega e me conta, sabe, falou se eu sabia que meu irmão tinha morrido, Enimar, que ele ficou sabendo através de uma carta que escreveram pra irmã dele, que era muito amiga do meu irmão sabe? Quando ele falou assim, eu assustei porque eu não estava sabendo, só parei nele assim, e fiquei esperando ele falar a verdade, o que, que era ele foi me falou não, ele parou também e falou assim, mas quem falou pro senhor que meu irmão morreu? Ah, uma carta que eu receb... que a minha irmã recebeu, que ele tinha morrido, mas isso não deve ser verdade não, deve ser que eles queriam me confundir depois sabe, que eles enganaram, falaram que era seu irmão, mas eu não tenho certeza de nada não, aí aquilo não saiu da minha cabeça eu voltei para Belo Horizonte imediato e cheguei na escola e escrevi pra mamãe, ela pegou e mandou um dos irmãos lá pra confirmar que realmente tinha morrido e ver se dava conta de me levar, né, se o médico deixava. Aí meu irmão veio conversou, o médico liberou com ele ainda emprestou o aparelho, e ensinou como é que tinha que fazer que era tantos minutos e que era vigiado porque eu dava muito trabalho, que era para eu voltar do jeito que eu fui. Aí ele foi prometeu que com 15 dias me trazia e que o tratamento ia ser feito, chegou lá ele fez mesmo, nossa senhora, quase acabou com a minha raça.

V.: Como é que era esse tratamento?

I.: Ué, é uma sonda que eles passavam pela garganta, né, e passava estenose no esôfago e ali enchia ela, de ar e quando ela começava a encher parecia que ia arrebentando tudo assim lá de dentro, depois doía demais da conta e a gente ficava 20 minutos com aquela sonda depois enchia pinçava ela e verificava. Muitos fazia, quando o médico virava as costas, você ia na tesourinha desabotoava um pouco [risos] pra melhorar a dor, porque era demais.

G.: Era uma dor muito forte.

I.: Uma dor forte.

V.: Quantas vezes por semana fazia?

I.: Todo dia.

V.: Todos os dias.

I.: Todo dia, mas eu dava...

G.: Era uma vez por dia?

I.: ... um escândalo de dor aí me dava uma injeção todo dia de, injeção de que? De Cibalena, enquanto estava fazendo o efeito aí ia fazendo, né.

G.: Quer dizer que você tinha, cê tinha uma sonda pelo nariz e outra...

I.: Não, é pela boca.

G.: Pela boca.

I.: A do nariz já tinha tirado, né porque quando começou o tratamento eles foram usando aquele cordão passando umas outras sondas, uma emendada na outra fazia um cordão desse tamanho e ia puxando pela boca até que passou a última, quando passou a última começou com essa sonda balão.

V.: E você se alimentava?

I.: Hein?

V.: Você se alimentava?

I.: Alimentava.

V.: Como?

I.: Pela boca.

V.: Normal, comum, comia, mastigava.

I.: Normal, é mas engasgava demais com carne, né, porque não cuidava de mastigar muito bem, engasgava muito, mas alimentava normalmente.

G.: Ô Íris, voltando lá no internato na rua do Chumbo, é, pra gente falar, fechar lá no internato pra depois a gente passar pra mudança pra onde que a Escola foi, né, pra onde o

I.: internato foi. Nessa, nessa época lá é algum fato assim interessante que depois do que você já falou veio à sua memória, alguma pessoa, além do José que você conheceu, vocês se casaram você ainda estava no internato lá?

I.: Estava, foi, casei na Escola, casei, o casamento de civil foi feito na Escola, porque os padrinhos eram daqui, sabe, e o religioso fui casar lá na minha terra, porque se não fosse.

V.: Ninguém ia acreditar né?

I.: Não, não acreditava não. Ia falar é que estava era junto.

G.: Que ano que você se casou?

I.: Foi, acho que foi 50, eu sei que foi depois de uns 4 anos, 4 ou 5 anos que eu estava na Escola eu casei, sabe, casei no civil aqui e fui casar o religioso, aí eu já frequentava a minha casa todo ano, né, todo ano lá em casa de férias eu ia pra casa, ficava lá 30 dias depois voltava.

V.: No tempo...

I.: Eu continuei tratando, trabalhando na escola e vinha no Pronto Socorro fazer o tratamento todos os dias.

V.: No bairro da Serra lá você se lembra de como é que era outras pessoas que moravam por perto, alguma coisa lá do, do local onde que era a Escola?

I.: Eu lembro assim dos vizinhos, assim de cara, mas de nome já nem lembro, sabe, porque a gente não tinha prazo pra nada não, levantava, estava trabalhando, depois eu saía às 3 horas da tarde eu saía pra vir no Pronto Socorro, voltava lá pelas cinco...

V.: Você vinha de que?

I.: De bonde.

V.: Tinha bonde.

I.: Na época era bonde, né, a gente vinha, quando era assim 5 horas da tarde mais ou menos eu já estava de volta, fazia o tratamento e já estava de volta aí eu subia na Coramina...

V.: De carona?

I.: É eu ia junto com as meninas.

V.: E onde é que você morava lá na Escola?

I.: Era lá mesmo, no internato.

V.: Sim, lá em cima, então, no 2º andar.

I.: Não, não, tinha ainda um porão muito grande, embaixo tinha lá diversos funcionários que moravam lá, sabe.

V.: Quem mais, além de você?

I.: Morava eu, Zulmira, [Campos Chaves] Zulmira ainda tinha dois meninos, não, um menino...

V.: Morava lá também?

I.: Morava lá, é o Iraci, ele até já morreu também. E ele morava lá com ela e tinha avó, a mãe dela que morava lá com ela e morava eu, Araci e Honória, Maria Honória.

V.: Como é que era a casa nos fundos parece que tinha um jardim no quintal, você lembra?

I.: Tinha um quintal muito grande com mangueira um tanto de fruta, sabe, uma piscina assim também vivia mais era seca.

V.: Por que? [risos]

I.: Não sei, deixaram a piscina secar isso aí nem sei vivia cheia de folha [risos].

I.: Tinha tempo que eles arrumavam ela enchia né, depois esquecia da piscina.

V.: Quando enchia o pessoal usava?

I.: Usava.

V.: Como é que era já se tomava banho de piscina naquela época?

I.: Era de maiô.

V.: Maiô...

I.: Maiô grande, né, que cobria [risos] ouviam dizer até que era macaquinho. [risos] Aí vestia aquela roupa e ia pra lá.

G.: Depois que você casou você estava nesse internato ainda, né, você...

I.: Não, quando eu casei a Escola já tinha mudado estava aqui na Alameda Ezequiel Dias.

V.: E lá você ficou morando lá também?

I.: Não. Eu casei fui embora pra minha casa e vinha só para trabalhar.

G.: Você montou uma casa.

I.: É.

G.: Você e seu marido não moravam no internato.

I.: Não.

V.: A Coramina ia pra sua casa nessa época, onde que guardava a Coramina?

I.: A Coramina era guardada aqui na Faculdade de Medicina.

G.: Seu marido continuou como motorista, na Escola?

I.: Continuou, trabalhando na Escola e quando passou a Federal nós já estávamos morando cá embaixo, né aqui na Alameda Ezequiel Dias, depois eu sei que teve um negócio que eles entregaram o andar que era da Escola que estava alugada e foram pra essa casa aí da

Getúlio Vargas [167], mas eu não cheguei de ir não, porque eu fiquei no Hospital das Clínicas, já tinha casado, então eu trabalhava aí, eu fiquei quatro anos.

G.: No Hospital das Clínicas.

I.: No Hospital das Clínicas, até que eles fizeram a Escola.

G.: Trabalhando onde no Hospital das Clínicas?

I.: Trabalhava na copa.

G.: Na copa.

I.: Servia a mesa, só para as alunas de enfermagem.

G.: Ô Íris como que era o relacionamento seu com as colegas, com as alunas, com as diretoras, como é que era o relacionamento?

I.: Bom, foi um tempo muito divertido [risos] era muito bom mesmo viu, tanto com as alunas, como com colegas, colegas às vezes, no princípio eu andei brigando com umas, porque eu era brigadeira, andei brigando com umas lá.

V.: Por que hein?

I.: Ah, sei lá a gente...

G.: Os motivos das brigas.

I.: É os motivos das brigas

G.: Qual que era?

I.: Qualquer coisa servia de motivo, eu era muito brava sabe [risos] Então, um dia eu enfiei a mão numa funcionária lá e a dona Georgina veio, empinada: “Vocês vão parar com essa briga, porque senão eu vou chamar a rádio patrulha pra vocês.” Eu nem sabia o que era rádio patrulha. [riso]Falei assim, ah pode chamar eu tô somando, nem, não quero nem saber. Eu sei que eu machuquei a menina, sabe, entortei o nariz dela.

V.: Você nem sabe o que ela fez com você?

I.: Nem sei mais o que, que foi, bobajada lá de dentro mesmo.

G.: Era o seu gênio mesmo!

I.: É do meu gênio mesmo sabe, gênio que conversou fiado levou.

G.: Ô Íris fala pra gente dessa, desse tempo que você trabalhou no Hospital das Clínicas, durante esses 4 anos, você falou que trabalhava na copa servindo as alunas de enfermagem.

I.: É.

G.: Como era o trabalho que você se lembra do trabalho das alunas no hospital, o que, que elas faziam nas clínicas que elas trabalhavam o que, que elas contavam pra você da vida delas lá.

I.: Ah, lá o que elas faziam que elas chegavam lá acho que oito horas da manhã, por volta de oito horas, né, elas, como alunas, arrumavam camas, dava medicamento, assistia conforme o período que já estava, né, assistia operação, ajudava nas operações, e tudo aquelas que estavam mais adiantadas, né, era isso.

V.: Você ouvia alguma coisa, alguém falar sobre as alunas e o que, que se falava sobre a enfermagem naquela época?

I.: Era uma rivalidade, que quando as alunas foram para o Hospital São Vicente pra fazer estágio lá era assim, cada enfermaria tinha uma, uma enfermeira, enfermeira prática, né, eu acho que nem curso de auxiliar tinha era mesmo ajudar, praticar e ajudar ali o médico e tudo. E tinha a servente, mas era uma enfermeira só que dava conta daquele serviço todo ali, sabe, dava medicamento, fazia injeção. E, assim na clínica que eu fiquei que era clínica cirúrgica, né, que eu vim pra operar cirurgia mesmo, né.

V.: É. I.: Então, lá não dava assim muito trabalho, não tinha negócio de enfermeira ir, era raro ela ajudar um doente tomar um banho e tudo, sabe. Então não dava muito o que fazer não.

V.: Que rivalidade que você falou?

I.: Ah, a rivalidade é que o pessoal não gostava da, da Escola lá não sabe, acho que sentiu tomado os direitos [risos] como se diz e parecia que não gostava não.

V.: Das alunas. I.: Das alunas. V.: E das professoras também?

I.: Também por causa, porque elas estavam acostumadas a mandar né, porque lá nessa época era só irmã, e funcionários e os médicos, sabe, enfermeira lá não tinha não

G.: As Irmãs que, que eram as chefes da enfermagem lá?

I.: Da, da enf., elas, elas eram chefe de tudo, de tudo, da clínica que elas tomavam conta da enfermaria, né, e olhava tudo, uma Irmã pra, cada, cada andar.

V.: Você lembra do, de alguma professora dessa época?

I.: Professora?

V.: É.

I.: Acho que dona Izaltina [Goulart de Azevedo], era pouco os professores também que tinha na Escola, muito pouco, dona Izaltina, dona Rosa [de Lima Moreira], tinha uma morena muito chata também a, como é que ela chama ela era de saúde pública, esqueci o nome, Carmem, dona Carmem.

V.: Carmem Mesantier?

I.: Carmem... é, uma morenona, você conheceu ela não, né ?

V.: Não.

I.: Qual mais, das que moravam lá dona Izaltina morava lá na Escola.

G.: Dona Izaltina morava na... Escola?

I.: Morava, desde lá da...

G.: De, da Getúlio...Getúlio.

I.: Desde lá da, da rua, da rua do Chumbo.

G.: Ah, desde da época da rua...

I.: É da rua do Chumbo que hoje é Estevão Pinto.

V.: Das, as diretoras, você falou um pouco da Irmã Villac, e depois da Irmã Villac?

I.: Acho que foi essa Irmã aqui.

V.: Você lembra da Irmã Fiúza?

I.: Irmã Fiúza, Fiúza é, não teve a Irmã, Irmã Emília?

V.: Emília.

I.: Emília, não é?

V.: O que você lembra da Irmã, o que você lembra da Irmã Emília?

I.: A Irmã Emília era brigadeira demais, nossa senhora, ela parou aqui pouco tempo, pouquinho, pouquinho eles mandavam ela embora.

V.: Brigadeira por causa de que?

I.: Não sei menina, ela era brigadeira, muito brigadeira.

V.: Mais que você?

I.: Acho que mais do que eu, eu ainda esperava os outros me fazerem raiva, ela não esperava. Mas ela era muito implicante, sei não, eu sei que ela implicou aqui teve umas implicâncias com alunas, era uma baderna ela, sabe, aí eles retiraram ela e puseram outra no lugar.

V.: A Irmã Carmem.

I.: É a Irmã Maria Carmem.

V.: E a Irmã Maria Carmem o que, que você se lembra dela?

I.: Essa daí era mais passiva.

V.: [risos].I.: Não deu muito o que deixar não sabe, e acho que ficou pouco também.V.: E o relacionamento seu com elas?

I.: Era bom, não tinha o quê...

V.: Não implicava com você?

I.: Não, não implicava não.

G.: Íris, depois desses quatro anos que você ficou no Hospital das Clínicas aí você veio já...

I.: A gente e a Escola veio pra cá.

G.: Você já veio, pra aqui o internato veio pra aqui.

I.: Internato veio pra aqui.

G.: Fala pra gente da vinda sua e da escola pra essa atual Escola de Enfermagem, pra esse atual prédio, como é que foi sua vinda, o que pediu pra você vir pra cá, como que foi a mudança.

I.: Não, eu era do quadro da Escola, era só juntar mesmo todo mundo, estava espalhado assim porque a escola estava sem, sem casa por bem dizer né, porque almoçava lá, dormia aí na Getúlio Vargas, e o estágio era lá mesmo, né, no Hospital.

V.: Lá na Getúlio Vargas, você não chegou a ir lá não, né?

I.: Não, lá eu ia assim quando precisava eu ia mas muito pouco.

G.: Você lembra da época da construção desse prédio quando começou a construir e quem que eram as pessoas que faziam força pra que...

I.: Não eu não, da construção não lembro não tinha contato com isso não.

G.: Nenhum não.

I.: Mas, eu lembro assim do final da construção né, estava assim, como o prédio já estava todo pronto, estava pastilhando aí fora, sabe, e acabando de pintar por dentro pra Escola vir sabe, então não teve conhecimento não.

G.: Como é que era o internato aqui na Escola como é que funcionava. Os quartos, como era?

I.: Aqui pra cima eram os quartos né, onde é sala de aula hoje eram os quartos.

G.: Quarto andar.

I.: É, no segundo andar era o refeitório, e uma sala assim do departamento tinha aquela, onde que mexe assim com cadáver? Anatomia, né, lá no final do corredor.

V.: Onde é a diretoria hoje?

I.: É diretoria no 2º?

G.: Não, era no 3º, ela trabalhou no 3º.

V.: Ah, sim.

I.: Porque o 2º é a portaria, né.

G.: 2º é a portaria.

V.: Isso.

I.: A portaria, não lá fora tinha um quarto lá, pra quando adoecia assim aluna tivesse assim doença contagiosa e tudo era pra ser tratada lá, né.

V.: E teve algum caso de aluna doente?

I.: Teve, qual, qual é aluna, que parece que eu mesma ajudei a cuidar de uma lá, é, ela já foi diretora aqui, lembra aí o nome dela! Vocês estão dizendo que é difícil lembrar [...] você não lembra não né?

G.: Noemi.

I.: Noemi, Maria Noemi ela teve lá nesse quarto e tinha uma outra sala também que era de sala de aula mais era sala de aula que tinha, né...

V.: O que, que a Noemi tinha você se lembra [sobreposição de vozes] que doença ela teve?

I.: Não lembro não, eu sei que teve que ficar lá isolada.

G.: Como é que era a vida nesse internato aqui como que eram as normas, qual a diferença daqui para, para a rua do Chumbo?

I.: Aqui já estavam mais atualizadas né, as coisas [risos], mas também o internato aqui durou muito pouco tempo acabou o internato e as alunas começaram a vir de casa né? Quando vocês foram vir, entraram pra aqui já foi assim, não foi?

V.: Já.

I.: Você não teve internato aqui não?

V.: Não.

I.: Pois é, durou muito pouco o internato. Só tinha aqui o café da manhã, acho que o café da tarde, sabe, mas depois começaram com a cantina aí foram acabando com tudo.

V.: Quando a escola veio pra cá alguma professora morava aqui também, você se lembra?

I.: Olha, eu acho que morava aqui era só Irmã mesmo e a irmã dela tal de Itália Clarízia, você lembra dela?

V.: Hum hum.

I.: Pois é, essa morava aqui, mas outras não, acho que dona Izaltina também acho que mudou, ela que morava, morava elas e as duas irmãs delas, a Guiomar e a Regina.

V.: Todas moravam na Escola?

I.: Moravam na Escola, mas aqui acho que elas não chegaram a morar não; chegou não.

V.: Carmelita?

I.: Carmelita também não.

V.: Não se lembra?

I.: Não.

G.: Quer dizer que aqui, ô Íris, é não era tão rígido, né, que você falou que já estava mais atual as coisas não, eram mas houve algum caso de aluna que você lembra de alguma punição de, de ser, de alunas serem expulsas.

I.: É isso que, que eu lembro, teve uma aluna aí, que teve uma briga eu acho que foi com a Irmã Fiúza mesmo, sabe, não sei se foi com a Fiúza se foi com a, não, como é que chama a outra brigadeira?

V.: Clarízia?

I.: Não.

G.: Carmem?

I.: É, é, não, Carmem não.

V.: Irmã Emília?

G.: Você lembra da, da aluna Maria da Purificação Guimarães ou Delba Nepomuceno, você lembra desses nomes dessas alunas?

I.: Delba?

G.: É Delba, se houve alguma, algum caso com ela com no Hospital das Clínicas com, se ela foi expulsa?

I.: Não, eu sei que aqui foi uma expulsa, mas não estou lembrada dela, estou não.

V.: Por causa...

I.: De atrevimento com a diretora sabe, eu sei que houve discussão e a diretora falou que iria pôr ela pra fora da Escola, mas acabou que ela foi embora mesmo ela não continuou aí não.

V.: Quando acontecia uma coisa dessa, Íris, como é que as alunas e outras alunas se comportavam?

I.: Elas não, não entravam muito não, sabe?

V.: Não, e vocês funcionárias?

I.: Não a gente não tinha nem como entrar, né, porque [risos] a obrigação da gente não era essa, né, mas...

V.: Mas entre vocês não conversavam, vocês não tomavam partido, digamos assim?

I.: Conversava, e tinha umas coisas que a gente achava assim que aqui já não foi tanto, mas lá em cima igual esse regime delas ficarem mandando nas moças, né? Porque eu acho que elas tomavam a responsabilidade dos pais pra deixar que essas moças viessem, porque vinha muita menina de fora pra estudar. Então quase ninguém gostava, porque não gostava

da profissão de enfermagem; então era difícil vir moças pra Escola, sabe. Teve, até uma certa época a Escola não aceitava moça preta...

V.: É mesmo?

I.:...na escola é, quando começou a entrar pra gente foi uma novidade. [risos] Uai não tinha desde da época que eu cheguei na Escola nunca vi uma preta na Escola.

V.: Por que será?

I.: Não sei, é racismo, né. Eu sei que quando essas pretas começaram a chegar, já, ainda foi lá na escola, tá na Serra, sabe, entrou duas mas foi a maior novidade do ano.

G.: E homem, nem falar?

I.: Homem nem falar, homem começou entrar aqui nesse prédio.

V.: Você lembra do primeiro homem?

I.: Você acredita que eu nem lembro mais.

V.: Senhor Henrique [Augusto de Melo, formado em 1966], o ou foi Joaquim [José Machado Netto]?

I.: Acho que foi Joa... não, Joaquim já foi depois, primeiro entrou uns aí minha filha, pintou uns aí.

V.: É, né, você lembra do Joaquim?

I.: Joaquim eu lembro, Joaquim teve que, Joaquim foi um que a Escola pôs ele pra fora, não sei qual o motivo porque ele era tão bonzinho, coitado. Era assim, não era assim dos primeiros, né, mas não sei pelo motivo também não, sei que conseguiram por ele pra fora da Escola, ele impetrou um mandado de segurança, retornou à Escola e formou. [formado no primeiro semestre de 1974]

V.: Custou, mas formou.

I.: É não sei se deu bom profissional [risos]

G.: Mas formou.

I.: ...mas formou, e a gente torcia muito por ele.

V.: Por que?

I.: Achava aquilo muito esquisito, né? Porque ele era uma boa pessoa e tudo, só ele era assim meio pra trás.

V.: Meio pra trás.

I.: Meio pra trás.

G.: Por falar em torcer pros alunos, fala pra nós aí como é que era a vida das alunas em termos financeiros, se tinha alguma torcida alguma ajuda né, quem pagava o internato, quem não pagava, com é que era, você lembra disso?

I.: Não pagava, ninguém pagava não enquanto teve internato ninguém pagava nada, era o Estado que mantinha o Estado, depois passou pra Federal, continuou a mesma coisa, aí que as coisas vinha do Hospital das Clínicas porque no tempo do Estado eles mandavam, mas quando passou pra cá então já vinha direto aí das Clínicas pra cá, as coisas.

V.: Ô Íris além da...

I.: A manutenção.

V.: Além das pretas que não podiam entrar alguma outra discriminação?

I.: Uai, não podia andar errado, andasse errado aí ia pra rua, podia não. Era muita exigência sabe.

V.: Pois é assim...

I.: Agora, depois que começou a entrar as pretas daí a pouco já não.

V.: O que era andar errado? Era o que, era namorar ou a, era, era o jeito de namorar, o que que era andar errado?

I.: É arranjar filho.

V.: Ah. [risos] Arrumar filho.

I.: Estava errado [inaudível].

V.: Era namorar médico, podia namorar médico?

I.: Podia.

G.: Podia mas, não podia arrumar filho. E você lembra das alunas trabalhando para comunidade fazendo, é, é curativo, aplicando injeção, tinha alguma farmacinha aqui na Escola?

I.: Tinha.

G.: Pra esta prestação de serviço.

I.: Um armariozinho, e sempre tinha umas que sempre ia pras favelas, mesmo assim depois do horário de trabalho delas, elas iam, fazer injeção, doente assim na favela [...].

G.: Íris você participou de alguma festa na Escola, alguma solenidade importante, né, alguma festa, como é que eram as festas na Escola?

I.: As festas na Escola quase que era aquela festa junina, que era pra todo mundo, né, a gente que morava lá participava do mesmo jeito. E mais, quando tinha alguma festa que que era fora a gente não participava não só quando tinha convite.

V.: Teve alguma greve no período que você esteve aqui, você se lembra?

I.: Aqui na Escola?

V.: É.

I.: Teve, teve greve aí na Escola, teve sim, aonde, acho que estava tudo junto as Escolas estava junto, eu lembro que era medicina, enfermagem, sei que eles prendiam muitos aí, aqueles que eram chefe do grupo, né, já tinha, nesse tempo já tinha. Mas a Escola já tava aqui nesse prédio quando começou a greve.

V.: Sei, essa prisões teve é na época da revolução ou noutros períodos de greve?

I.: Foi mais ou menos naquele governo quando entrou Jânio.

V.: Jânio Quadros?

I.: Não, aquele outro, entrou depois do Juscelino.

V.: Jango.

I.: Jango, João Goulart, né?

V.: João Goulart.

I.: É, nessa época teve negócio aí tipo uma revolução, disse que era pra estourar né. Depois acalmou e não deu em nada. Aí a gente não ficou sabendo de muita coisa.

V.: Vocês não sentiram nenhuma diferença aqui na Escola?

I.: Na Escola não. Eu sei que teve umas greve que tinha as meninas entrava também, sabe, e umas teve que ficar detida lá, umas horas, aí, é Dops, né? [Departamento de Ordem Pública e Social, cujo objetivo era controlar e reprimir movimentos políticos e sociais contrários ao regime no poder.]

V.: No Dops.

I.: Dops, mas isso foi poucas vezes.

V.: Mas você não se lembra quem foi.

I.: Não, não lembro não.

V.: E nesse, nessa situação de dessas alunas presas, você sentia assim alguma mobilização na Escola dos professores.

I.: Não, a Escola, a escola agia pra tirar as meninas e tudo, não deixava não.

G.: Ô Íris, quando terminou o internato aqui na Escola, você se lembra de como foi o fechamento do internato, quais os motivos do fechamento.

I.: Não, não tomei conhecimento não, sabe, porque eles falaram que agora ia fechar, ia só, os alunos vinham só pra estudar mesmo, né, e passou uma cantina aí, e a gente não soube por quê motivo.

G.: O que, que foi feito com as coisas do internato, com os móveis, os, todos os equipamentos pra onde que foi, o que, que foi feito disso?

I.: Oh, a metade das coisas ficou aí na cantina, as pessoas que vinham, ganhava concorrente, né, pegava e usava, sabe, a Escola emprestava, mas depois isso deve tá guardado aí ainda, deve tá guardado. Deve ter muita coisa, eu sei que muita coisa também que eles já não queriam, eles deram pros outros, sabe, deu pra funcionário. Igual assim mesa velha, colchão, cobertor.

G.: Você ganhou alguma coisa?

I.: Eu ganhei dois cobertores.

V.: Como é que era a relação com os funcionários aqui neste prédio. Você, entre vocês.

I.: Entre nós?

V.: É.

I.: Não todo mundo se dava muito bem, eram poucos os funcionários...

[FINAL DA FITA 1 LADO B]

FITA 2 LADO A

V.: Pronto, pode continuar. É nós estávamos falando de como é que era a relação sua com os funcionários aqui na Escola.

I.: Era bom, bem, não tinha problema nenhum com funcionário não. Quando começou aparecer, começou entrar mais funcionários, mas sempre dava bem, tinha problema nenhum.

G.: Ô Íris e a relação da Escola com o Hospital das Clínicas? Naquele período que viveu lá você falou né, que às vezes, é, eles não gostavam muito das enfermeiras, das alunas lá no hospital. E aqui depois que a Escola mudou, pra esse prédio, as alunas continuaram ter uma relação fazendo estágio no Hospital São Vicente.

I.: Faziam estágios.

G.: E como é que era essa relação, dos diretores, dos alunos.

I.: Os médicos gostavam de querer ser “os mais”, mas elas continuaram lá, não saiu de lá não, teve continuou sendo, acho que até hoje tem não? Não tem, não é lá? Onde tem estágio é só lá?

G.: Não, não.

V: Não, também lá.

I.: Ah, tem muitos hospitais agora né, mas de primeiro era lá, era o certo era só lá mesmo.

G.: Você lembra da questão financeira da Escola de onde depois de quando veio pra esse prédio aqui, de onde que vinha o dinheiro, se o hospital, se a Faculdade de Medicina mantinha a escola como é que era isso, você ouvia falar sobre isso?

I.: Eu ouvi falar também, mas foi muito pouco, porque eu acho que o, o diretor da Medicina, que a escola teve subordinada a Medicina muito tempo, não teve?

V.: Teve.

I.: Pois é, que o diretor pegava a verba e mantinha a Escola enquanto tinha aluno aqui, né, depois é que eles tiraram acabou com, com o internato, então a verba não sei como é que foi distribuída não acho que a diretora mesmo pegou, pegava a verba, hoje em dia não é assim?

V.: Hoje em dia sim é porque a Escola não é mais anexada a Faculdade de Medicina.

I.: Com a Faculdade, é.

V.: É Escola independente.

I.: É. Mas ele pegava essa verba e...

G.: É houve alguma época em que os funcionários ficaram sem receber o pagamento por falta de dinheiro, ou então porque o, o tinha poucos professores, porque a Escola não podia pagar, você lembra disso?

I.: Ah, nessa época eu acho que eles não faziam muita admitir ninguém e nem tampouco para resolver situação de outros que estavam irregular ainda, né? Ainda demorou muito, mas quando acabou essa desanexação de lá, aí acho que foi resolvido muita coisa.

V.: Melhorou alguma coisa?

I.: Melhorou, porque a Escola ficou independente né.

V.: Pra vocês funcionários.

I.: Não, pra funcionários foi a mesma coisa, porque a gente trabalhava, recebia, né, mas melhorou nada pra funcionário não e nem pra aluno, pra aluno acabaram com o internato, quer dizer que muita gente deixou de, né, às vezes até de poder formar por causa de um internato né, que às vezes queria vim, mas não tinha onde ficar pra manter uma despesa dessa fora de casa não é todo pai que agüenta o que quer fazer, né.

G.: Quer dizer Íris, que você lembra dessa época da anexação, né, e da desanexação da esco... da Escola Carlos Chagas com a Faculdade de Medicina, né.

I.: Com a Faculdade de Medicina.

G.: Você se lembra, inclusive nessa época quando ela ficou anexada, como é que foi é, quais as pessoas que, que lutaram pra essa anexação ou então que lutaram pra desvincular a Escola da Faculdade de Medicina, você lembra de pessoas que, que lutaram né, que trabalhavam em função disso?

I.: As professoras, né, muitas delas trabalhavam em função disso e a diretora também queria a Escola independente [...].

G.: Vamos falar um pouquinho da sua vida fora da escola? Você casou, você falou pra gente, aí como é que foi essa sua vida como é que era sua vida de casada e ao mesmo tempo continuando a trabalhar, como é que era isso?

I.: Como assim?

G.: Como é que era.

V.: Era fácil aquela época.

G.: Conciliar sua vida de casada com sua vida de trabalhar fora.

I.: É, porque punha uma pessoa pra trabalhar e olhar os filhos, né, mas sempre assim uma pessoa de casa, porque quando nós estávamos conversando [risos] já isso parece que vem é de muito tempo, sabe. E, e também quando eu tive o primeiro filho a minha mãe veio, ela já tinha casado os outros todos estava sozinho veio me visitar, porque eu tive passando mal, sabe, então ela veio pra me visitar e aí eu falei com ela pra não voltar que ficasse comigo que ela era sozinha e tudo então, que ela ficasse comigo, ela viu que eu estava precisando dela e ficou. Então, sempre tinha uma moça lá pra fazer o meu serviço, e ela pra olhar pra mim o serviço como é que estava sendo feito e olhar meus filhos e criou, ela criou meus filhos, sabe, quando ela morreu ela deixou minha menina mais nova com 2 anos, já ficou criadinha, né. Aí eu fui pelear só mesmo com uma, empregada até que eu aposentasse.

V.: Só um pouquinho antes de você aposentar você trabalhou na escola até quando?

I.: Até [19]83.

V.: 83. Depois que a escola voltou, desanexou da Faculdade de Medicina, as freiras saíram - você se lembra como é que ela, como é que aconteceu essa saída das freiras?

I.: Olha aqui da Escola não tinha não só tinha a que era diretora, né.

V.: A Irmã Carmem.

I.: Irmã Carmem, eu sei que lá do Hospital saiu, elas todas tiveram que sair, largar, largou até o hábito, né.

V.: Por que?

I.: Ah, eu não fiquei sabendo não, eu sei que o diretor não quis mais freira lá dentro pra mandar, porque elas mandavam e desmandavam ali dentro do hospital, né. Mandava em todo mundo queria mandar até nos médicos e eles não aceitavam e elas eram muito brigadeiras, Nossa Senhora, como que elas eram brigadeiras, viu.

V.: Depois é elas foram embora saíram daqui da Escola também, como é que a Escola continuou?

I.: Aí continuou com leiga, né.

V.: Com leiga.

I.: Quando a Irmã Maria Carmem, acho que ela foi a última.

V.: Foi.

I.: Da, de freira aqui na Escola, aí Carmelita [Pinto Rabelo] entrou, né, no lugar dela acho que pra completar tempo.

V.: Foi.

I.: E daí pra cá não teve mais irmã na Escola não.

V.: É.

I.: Iam pra estudar como aluna.

V.: Certo, você enquanto funcionária com é que você viu essa, entrar o seu trabalho com essa mudança, com outras diretoras não freiras, o que mudou na, na Escola pra você?

I.: Ah ficou melhor.

V.: Melhor?

I.: É, elas eram mais compreensíveis com a gente sabe, dona Nilza [de Andrade Ribeiro] foi muito boa, também uma secretária que ela foi muito tempo, né, já no final da gente aposentar ela era muito compreensível e eu achei que melhorou.

V.: E aumentou o número de funcionários também?

I.: Aumentou, aumentou número de alunos na Escola, né.

G.: Ô Íris quando é o internato terminou que tipo de serviço que você passou a fazer, porque na época né, na época você trabalhava na copa, e depois que outros serviços que você fez na Escola?

I.: Aqui enquanto tinha internato a gente arrumava os quartos também né, e servia refeitório. E depois quando acabou o internato eles me passaram pra portaria, fiquei muitos anos naquela portaria, acho que uns 12 anos.

V.: Durante o dia.

I.: É.

V.: E à noite tinha alguém?

I.: À noite tinha um vigia que vinha pegava sete horas e saía entregava pra ele o serviço. E outros também passaram lá mas quem permaneceu mais na portaria fui eu.

V.: Vinha muita gente na Escola Íris?

I.: Gente de fora?

V.: É, você era da portaria.

I.: Não, vinha assim gente que estava interessado em alguma coisa com o curso da Escola. Às vezes vinha a família conhecer pra poder deixar os filhinhos, mas assim gente de fora mesmo...

V.: E nesse seu serviço lá na portaria, alguma coisa interessante.

I.: Que eu fazia?

V.: É, curiosa.

I.: Atender, atender telefone, pegar recado.

V.: Muita chatice?

I.: É bastante chato, portaria é bastante chato.

G.: Algum caso interessante que você lembra da sua vida de porteira?

I.: É, mas nuns casos era bom também, a gente batia muito papo, ficava sabendo de muita coisa.

V.: É.

I.: Entre aluno e tudo, as alunas faziam fila lá, [risos] pra bater papo lá na portaria era bom sabe.

V.: E elas contavam histórias?

I.: Contavam, escutavam, gostavam muito de saber também.

m.: Elas perguntavam muita coisa?

I.: Perguntavam.

V.: O que, que elas queriam saber?

I.: Ah, a respeito da Escola, a respeito do que passava-se dentro da Escola, achava que a gente sabia mais do que todos, essas coisas assim, era importante sabe, era bom.[risos].

G.: Com quantos, é você trabalhou, aposentou com quantos anos de serviço?

I.: 32 anos.

G.: Então, pelas minhas contas você começou a trabalhar na Escola em 51.

I.: 51 ?

G.: É, em 1951.

I.: Eu fiquei no hospital um ano e meio e seis meses, deve ser isso mesmo.

G.: É pelas contas.

V.: Depois da portaria você fez, foi pra outro trocou o lugar?

I.: Não, não da portaria aposentei.

V.: Aposentou.

I.: É.

V.: Quem mais trabalhava na portaria além de você?

I.: Ah, eram muitos assim, né, mas era um de cada vez, tinha o Geraldo Lúcio que ficava muito lá, esse Marcos [Barbosa], que está lá no serviço de, de [manutenção], também ficava, tinha aquele menino Julhinho, ele é daqui ainda não é ?

V.: Acho que sim.

I.: Júlio, Júlio César.

V.: Saiu.

I.: Saiu? Casou com aquela menina, com a Vânia, saíram todos dois, saíram?

V.: Acho que sim, hum, hum, já.

I.: É, eles todos faziam escala lá.

G.: Ô Íris uma coisa que você ainda não colocou pra gente, como que você via, quem que era a enfermeira pra sociedade na época? Qual que era o significado que a enfermagem tinha, para a sociedade em geral qual a importância que era como que você via isso?

I.: O meio que a gente lhe dava era muito pouco, era só daqui até o Hospital das Clínicas, né, Faculdade de Medicina, a gente mexia mais nesses meios. E e lá no hospital não, o pessoal não gostava, né, porque parece que o hospital era dele e, mas que melhorou muito melhorou, né, o hospital melhorou demais com a entrada da enfermagem pra lá, porque é uma coisa que está na cara, né, mas lá fora também, o povo também achava muito bom, achava não, eles achavam e acham o Hospital das Clínicas um dos melhores hospitais desses que de graça, né, que é um dos melhores hospitais, por causa do serviço médico e do serviço da enfermagem, que é a única coisa que o doente precisa, né, do médico e da enfermagem, dentro de um hospital.

V.: Você lembra ...

I.: O resto é resto.[risos] É uai é porque tem gente que gosta de entrar pra dentro do hospital quer ser tratado da melhor maneira possível, às vezes melhor até do que em suas casas, né, e dentro do hospital, eu acho o seguinte, que dentro do hospital tendo médico bom e enfermeiro pra cuidar de você, precisa de mais nada não; comida , comer, você quer

comer você come, você não quer, você come uma fruta e tudo passou seu tempo você vai embora, vai comer nas suas casas né, o que quer não é mesmo?

V.: Ô Íris você falou que teve doente como é que foi, e depois? A passagem da sonda até quando que durou isso ou ainda dura?

I.: Isso durou até eu casar.

V.: E depois.

I.: O médico ainda falava comigo assim: "Oh Íris, você vai casar com um homem que não vai deixar você nem fazer tratamento [risos] Aquele ali dava os chilikues dele lá na.

V.: Ele ia com você?

I.: Ele ia atrás de mim. Se eu estava demorando, ele achava que estava demorando muito e o médico lá não tinha enfermeira não, sabe, então, ele, a gente que ajudava ele, aquelas que estavam melhor ajudava, lavava as sondas, ajudava segurar doente e tudo, ele trabalhava sozinho. [risos] E quando ele ia, chegava lá ficava impaciente na porta perguntando quem é que estava lá dentro.

V.: Ciúmes?

I.: É, enchendo o saco, aí o médico foi e falou comigo assim: "Você vai casar com esse moço você não nem poder voltar aqui pra fazer tratamento e você não está de alta, você fique sabendo disso.", falei assim: "Ah doutor não preciso tratar mais? Ele falou: "Precisa, você tem que continuar o tratamento." Aí deu que eu casei e o serviço, não foi ele que me, que me proibiu ir não sabe, foi o serviço mesmo, a obrigação de casar, é que não te dá tempo pra muita coisa mesmo. Aí eu passei a não ir, menina passou uns 20 e tantos anos eu tive nada não, depois eu comecei a engasgar, que, Nossa Senhora, me enchia de gases, eu não aprendi a comer a carne. Como eu tinha de comer e eu gosto da carne, não posso ficar sem ela, sabe, então eu engasgava ia pro Pronto Socorro, chegava lá e era com anestesia geral pra tirar aquilo viu, era com um trem à toa, né, mas tinha anestesia geral, às vezes quando começava a aplicar a anestesia, eu começava tossir o trem até saía.

G.: Olha!

I.: Sem nem precisar de, de, de daquelas pinças daquele material, daqueles [sobreposição de vozes].

G.: Quer dizer que o alimento parava mesmo no esôfago.

I.: A carne.

G.: Agarrava mesmo.

I.: Agarrava e não descia e nem voltava. E aí, eu tive que procurar outros médicos, porque o médico que tratava da gente desapareceu, sumiu do mapa. Então eu tive que procurar outro e até hoje eu ainda faço tratamento.

V.: De dilatação?

I.: Pago por isso até hoje.[riso]

G.: Você tem que fazer dilatação até hoje.

I.: Tenho, mas é lá uma vez ou outra, que eu sinto que até assim já engasgando com farinha, porque gosto de comer com farinha também, sabe, aí começar a parar.

V.: Tá na hora.

I.: Tenho que dar uma visitada lá.

G.: E onde você trata, hoje em dia.

I.: Hoje eu estou tratando com um médico aqui na Avenida Brasil, ele faz essa dilatação, no ambulatório da Santa Casa lá, pelo convênio. Então acho que ele tem uma sala lá que é só pra receber conveniado, então de vez em quando eu tenho que fazer uma visita.

V.: Ô Íris essa história começou quando você achava que estava doida, aliás você achava que não estava, e diziam que estava. Como é que você vê isso hoje?

I.: Hoje eu vejo que eu não era doida coisa nenhuma, porque teve um tempo lá na minha casa que eu convenci que eu falei assim era; eu acho que sou mesmo.

V.: Por que que você acha que achava que era doida?

I.: Porque todo mundo falava, era, eles ficavam falando todo mundo, acho que os de casa falava, né.

V.: O que, que você fazia, será.

I.: Nada, pois se eu nem podia [risos] sair de casa, como é que fazia.

G.: Você era rebelde, aí eles achavam...

I.: Acha que eu era rebelde, então não era isso. Mas eu não acho que eu tinha nada pra ser doida eu casei, cuidei da minha obrigação muito bem, criei meus filhos melhor que eu fui criada. Então eu acho que eu não era doida não, porque gente doida tem cabeça pra isso não.

V.: Quando sua mãe voltou, veio morar com você, ela falava alguma coisa desse seu tempo de loucura.

I.: Não, não tocou mais.

V.: Não tocava mais nesse assunto.

G.: Ninguém mais tocou.

I.: Fui responsável com minha família, o que mais eles queriam?

V.: É. Como é que está a vida, o que que você fez depois que você aposentou; o que você está fazendo agora?

I.: Estou criando neto.

V.: Criando neto.

I.: É ajudando filho, porque eu acho que minha mãe me ajudou, eu senti assim na obrigação, sabe? Então essa menina casou por último e eu fiquei lá junto com ela, né, nós dividimos a despesa, e eu ajudando ela a olhar os meninos pra ela trabalhar, fiz a mesma coisa que mamãe fez pra mim, sabe? Então ela tem dois meninos mas os meninos agora estão muito brigão, um já está com 5 anos, briga que só se vendo uma beleza.

V.: [riso]

I.: Hoje em dia não se usa mais bater que eu não sei se fez falta ou não, na minha cabeça até que fez, sabe? Não acho que menino pode criar sem umas palmadas não sabe; mas então ninguém não bate, menino vai criando, daquele jeito e como eu estava te contando que eu tenho essa menina que tem um pouco de deficiência mental, né, então elas não combinavam de jeito nenhum, menina de 5 anos vai fazer 6 agora, brigando com a tia de 31 anos. E ela estava ruim, a menina estava ficando ruim mesmo viu? Falei assim, ah não vou sair porque essa menina vai ficar é ruim da cabeça, já tem um comecinho do problema, né, e se ficar com muita pressão, acaba piorando mais, então eu saí mas ainda eu estou [ajudando] lá né, porque eu tinha um contrato com ela do, do apartamento que nós alugamos e é de dois anos e tanto e ainda eu estou ajudando a pagar, estou esperando vencer o contrato pra eu poder liberar a minha.

G.: Ô Íris além da vida de apontada você cuidar de netos, o que mais você faz?

I.: Minha filha é só isso, até agora não tenho tempo pra mais nada.

G.: Não deu tempo

I.: Agora [riso] que eu não tô mais preocupando com cuidar de neto, então estou andando, passeando, vou na casa de irmãos, vou em cidade de fora, estou com uma irmã doente aí em Betim também, que quebrou a coxa ela está com 79 anos, não vai caminhar, vai? Vai não, né?

V.: Pode ser que não, né.

I.: É acho que não.

V.: Pode ter mais dificuldade, né.

G.: Pode andar com dificuldade.

I.: Ela fez operação, pôs platina e tudo, mas está lá; acho que isso aí vai ser outro problema e agente que tem que dar ajudar a olhar também.

V.: É bom estar aposentada?

I.: Não. Você acha?

V.: Por quê?

I.: Você deve estar passeando muito, por isto que você acha bom.

V.: Por que não é bom?

I.: É porque no meu caso eu fui criar neto e não é bom.

V.: Você preferia...

I.: É, e a minha filha é dessas, ela não gosta, ela é dentista, ela não gosta de casa e nem de serviço de casa, de menino...

V.: Piorou.

I.: Não tem um pingão de paciência, sabe, e os meninos dela são chatos, viu, Nossa Senhora, vai ser chato mais longe, mas eu bato, não tem isso que eu não bato, eu não suporto neto me encher saco, comigo não porque apanha até hoje, minha mão coça. Ai um dia ela falou comigo assim: “Ô mãe, a senhora espanca tanto a Mariana! [riso] Falei assim: “Você acha? [riso] Eu acho que ela não tem nem a metade do que ela precisa [risos] porque vocês não dão, você e pai dela que devia de dar, não dá!., então eu uma vez ou outra, não faz diferente não”.

V.: O quê você gostaria de estar fazendo, depois da aposentadoria?

I.: Passeando, né.

V.: Mais, passeando mais.

I.: Passeando mais, porque francamente ela chega nunca vi, mas não adianta falar também não por que não muda também não. Era desse jeito, ela largava lá, ela trabalha na, no Centro Odontológico, aí da polícia militar e tinha o consultório dela. Eu sei que quando ela larga o serviço ela dá tanta volta pra chegar em casa, que às vezes que eu estou com compromisso para sete horas, a menina não chega. Quando da sete e meia ali, que ela vê, que dou sete horas pra sete e meia eu estar onde eu tinha que estar, ela aparece lá em cima: “Ah mãe a senhora está pronta e tudo eu vou levar a senhora, vou levar a senhora de carro. Eu falo assim, “Ah, não, não vou mais não, não vou mais porque já passou da hora. Não achei que você ia chegar aqui sete e meia.

G.: Ô Íris e você ficou viúva foi quando?

I.: Foi em 83 também, eu aposentei.

G.: No mesmo ano?

I.: Com um mês o meu marido morreu, ele pedia pra aposentar porque ele tinha tido derrame, sabe.

G.: E ele não chegou a aposentar.

I.: Ele aposentou, mas depois de três anos encostado ele teve derrame e cuidou direitinho uns seis anos não teve nada. Depois ele começou a fazer as gracinhas dele, começou beber cerveja e não ligando muito pro lado da doença, né, e abusando muito nas carnes gordas, churrasco, sabe. Eu sei que, teve feijoada que disse que nem pode né, aí ele teve um, ele tinha uns repiquetes assim, de vez em quando, a gente corria pro médico chegava lá a tempo. Aí a última vez que eu levei ele no médico, eu levei no mês de junho assim e o médico falou que ele estava já prestes a começar a dar convulsão, sabe. E ele e, receitou pra ele Gardenal 100 mg. Ele não quis tomar de jeito nenhum: “Eu não tomo esse remédio não, homem frouxo [risos] é que toma esses remédios.” Não quis tomar o remédio de jeito nenhum, não teve quem fizesse ele tomar. Aí passou junho, eu levei ele no médico, aí eu perguntei pro médico: “Ô doutor, o senhor está receitando os remédios pra ele, ele gosta de uma cerveja, ele pode beber e tomar o remédio?” Ele falou assim: “Não, ele não pode beber, ele tem que deixar a cerveja de lado e cuidar de tomar o remédio. Agora se ele ficar com muita vontade de tomar cerveja, de 15 em 15 dias ele pode tomar um copo de cerveja.” Um copo para quem toma duas garrafas, três garrafas, seis garrafas, isso vai conformar? Aí ele não quis, ele preferiu a beber a cerveja dele, até o dia que ele viveu, do que tomar remédio. Então, passou junho, era junho, julho, agosto, setembro, quando foi 31 de outubro ele deu uma convulsão a primeira de manhã quando foi à tarde eu levei ele pro hospital, quando foi seis horas da tarde ele estava morto. Morreu porque quis, né.

V.: Morreu feliz.

I.: É, feliz porque também não, comeu uma feijoada, minha filha no domingo antes, ele comeu a feijoada domingo, à noite ele ainda repetiu mais dela e quando foi à noite me parece que ele passou mal, eu não dei fé não, porque eu durmo muito, mas de manhã ele já amanheceu, que ele levantou cedo tomou um banho veio enrolado na toalha e começou a conversar comigo, ih eu não gosto de conversar de manhã cedo não, não gosto mesmo, de manhã eu levanto fico calada até lá pelas nove horas só depois de nove horas e que começo [risos] a conversar, aí, ô Íris, mas isso assim, assim perguntando, eu respondia tampava a cabeça com a coberta, e “ih, Beraldo, [José, Oliveira] eu estou de folga, eu vou dormir mais um tiquinho, sô.” Aí ele foi sentou na cama, enrolado na toalha, começou querer vestir a

roupa, eu só vi quando ele falou assim, ô Íris, ô Íris me dá um comprimido, ali, ele já estava sofrendo o negócio começou com as convulsões que eu tirei a coberta da cabeça, ele já torcia todo, começou a suar, mas ele retorcia menina, uma coisa horrorosa, a roupa dele ficou encharcada, sabe. Aí eu levantei chamei um sobrinho meu que morava assim nos fundos, ele trabalhava em hospital, trouxe o aparelho e olhou a pressão dele, trem já estava 18,18 pulou pra 20, 20, 22, 24. Ele ficou doido, falou assim nossa senhora, chama a, a Enfermatel pra ele pra levar pro hospital aí menina, chamou a gente levou, veio aqui pra Santa Casa eles mandaram pro 12º andar, passou lá na emergência, eles deram uma injeção nele e mandou subir direto não fez papelada, não fez nada. Chegou lá eles encheram ele de, de tomar soro devia de pôr muito remédio ali também, né, ele começou melhorar assim um pouco a convulsão que estava muito forte mas ficou até 11:30, quinze para o meio-dia fiquei lá. Aí eu falei com o médico eu queria pôr ele no apartamento, pra eu ficar com ele, ele falou assim, “Ô minha filha, não vai resolver não, eu vou ser franco com você, o estado dele é gravíssimo, ele não tem 10% de, de, de chance. Então deixa ele aqui porque aqui, todo mundo que passar tá vendo o estado dele, o médico que passa pra lá pra cá toda hora pra ver, e você leva ele pro apartamento você, vai lá só a hora que você chamar o médico só vai a hora que o dono do doente chama”.

V.: Ele estava no CTI.

I.: Não, tinha chegado naquela hora, né. Eu fiquei até meio dia lá com ele, cheguei com ele cedinho e fiquei até meio dia. Aí ele falou assim: “ A senhora pode ir pra casa, pode confiar, porque aqui ele vai ser mais olhado do que no apartamento, e a senhora quer é a boa acomodação pra família ou quer o melhor pro doente?” Falei assim, o melhor pra ele, eu falei. “Então, deixa ele aqui, ele pode ir e pode ligar pra cá a hora que a senhora quiser, toda hora o estado dele é gravíssimo”. Aí eu fui pra casa, fui resolver umas coisas lá quando foi seis horas da tarde, eu ligava pra cá eles falavam que estava do mesmo jeito. Quando foi seis horas eles me ligaram falando que ele tinha morrido. Então foi muito rápido mesmo, né, eu sei que depois do primeiro derrame ele, ele viveu ainda 16 anos, e morreu de teimosia.

G.: Ô Íris você quer falar mais alguma coisa?

I.: Vocês é quem sabe, né, se tem mais alguma coisa pra perguntar.

V.: [risos] Você se lembra de alguma coisa mais interessante?

I.: Não, acho que não, né, acho que acabou a Escola.

V.: Acabou a Escola? [risos]

I.: Acabou, acabou assunto da Escola.

G.: Então a gente agradece a você, tá, de estar participando aí com a gente nas entrevistas e depois se você lembrar mais alguma coisa se quiser falar mais pra gente também depois, a gente deixa nosso contato, né.

I.: Tá bom, tá bom.

[FINAL FITA 2 LADO A]

[FITA 2 LADO B NÃO FOI GRAVADA]

[FINAL DA ENTREVISTA]

FICHA TÉCNICA

Data da Entrevista: 17 de abril de 1997

Local: Escola de Enfermagem da UFMG

Número de Fitas: 02

Duração: 90 minutos

Entrevistadores: Valda da Penha Caldeira

Geralda Fortina dos Santos

Ana Paula Aparecida Pinto Coelho

Traços Biográficos e Sumário: Geralda Fortina dos Santos

Conferência de Fidelidade: Geralda Fortina dos Santos